

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO MOTOR, COGNITIVO E SOCIAL DA CRIANÇA

Pedro Vinicius França Nascimento; Juliana Costa da Rocha; Joyce da Silva Cruz de Mendonça; Maria José Guedes Pontes

Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB). E-mail: pedrovinicius.sax@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB). E-mail: julianageo777@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (DL/CH/UEPB). E-mail: joycedscm1996@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba (DG/CH/UEPB). E-mail: daya.pontes20@gmail.com;

Resumo: A discussão acerca da infância, seu significado, características e transformações, se configura como um dilema epistemológico no que se refere a sua compreensão, decorrente das diferentes e desiguais formas de representação e vivências da mesma, nas mais diversas realidades sócio-político-culturais. O marco de progresso dos estudos acerca desta fase da vida, se dá a partir do final do século XIX, influenciado e alicerçado pelas contribuições de inúmeros autores, tendo como destaque o suíço Jean Piaget (1896-1980). Visando a melhor compreensão e avanço dos processos de desenvolvimento contidos na infância, tem se discutido cotidianamente qual a importância dos espaços, agentes e dinâmicas externas que contribuem na estimulação, desenvolvimento e formação da criança. Nesse contexto, o presente trabalho vem abordar as características e a importância dos desenvolvimentos motor, cognitivo e social da criança, enfatizando a relação e o papel do ambiente escolar na construção e aperfeiçoamento dos mesmos. Os procedimentos metodológicos adotados pautaram-se na revisão bibliográfica de alguns autores que tratam a respeito do tema e em uma pesquisa semiestruturada realizada a partir da observação e entrevista com uma criança e seus pais. Os resultados obtidos demonstram que, os desafios, características, capacidades e habilidades contidas e adquiridas nas diferentes fases da infância e nos distintos desenvolvimentos estudados, são profundamente aprimorados e aperfeiçoados a partir da vivência e contato da criança com o contexto escolar, reafirmando e consolidando a escola a partir disto, não apenas como um espaço formal educativo, mas como um agente fundamental para com o desenvolvimento integral da criança.

Palavras-chave: infância; ambiente escolar; desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A análise do desenvolvimento infantil é uma das tarefas mais difíceis e complexas que compõe o campo da epistemologia do conhecimento humano. Durante a história da construção do conhecimento, o próprio significado do termo “infância” foi alvo de diversas formulações e interpretações em detrimento das diferentes definições adotadas pelos dicionários, pensadores e correntes de pensamento em seu determinado período histórico, (FROTA, 2007).

No que se refere à compreensão da criança e do seu desenvolvimento, Cohn (2005), relembra as ideias de “tabula rasa”, “filhas do pecado” e “habitantes do paraíso”, atribuídas à criança pela sociedade durante um grande período da história. Até o final do século XVIII, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas, desta forma, seus atos, suas vestes, sua forma de falar e de pensar, incluindo o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades motoras,

cognitivas e sociais, eram entendidas e representadas como as de meros adultos “menores” incompetentes, negligenciando a “teia” das importantes particularidades, potencialidades e complexidades contidas nessa fase da vida.

Essa concepção só se modificou a partir do século XIX, especialmente em meados do século XX, onde, com o avanço e a contribuição de campos do conhecimento como a psicologia, e de autores como Jean Piaget, o desenvolvimento da criança passou a ser visto e estudado com uma outra perspectiva e seriedade. Nesse sentido, a análise e os estudos em conjunto dos desenvolvimentos motor, cognitivo e social, se tornou vital para um maior entendimento de um “todo” das ações, reações, pensamentos e relações das crianças durante sua infância.

Diante do contexto supracitado, o objetivo desta presente pesquisa visa abordar brevemente a discussão acerca da infância e do desenvolvimento da criança, especificamente as características e relevâncias de seus desenvolvimentos motor, cognitivo e social, enfatizando a relação e a importância do contexto escolar na construção e aperfeiçoamento dos mesmos, tomando como referência a abordagem de alguns autores que tratam a respeito do tema e a observação de como essas capacidades e habilidades se desenvolveram e se apresentam em uma criança como sujeito escolhido para o estudo e a análise da pesquisa.

ANÁLISE ACERCA DA INFÂNCIA

A discussão sobre a infância, seu significado, implicações, negligências e transformações no decorrer da história, compõe um conjunto de uma espécie de questões paradigmáticas ou “dilemas epistemológicos” existentes dentro do campo epistemológico do conhecimento. Inúmeras são as definições e cosmovisões construídas acerca do assunto. Elencando e analisando algumas dessas visões para pontual reflexão, Frota (2007, p. 150, 151) cita alguns autores e seus posicionamentos acerca do assunto, dentre eles:

Infância tem um significado genérico e, como qualquer outra fase da vida, esse significado é função das transformações sociais: toda sociedade tem seus sistemas de classes de idade e a cada uma delas é associado um sistema de status e de papel (Khulmann Jr, 1998).

A infância foi uma invenção da modernidade, constituindo-se numa categoria social construída recentemente na história da humanidade. Para ele, a emergência do sentimento de infância, como uma consciência da particularidade infantil, é decorrente de um longo processo histórico, não sendo uma herança natural (Ariès, 1978).

O mesmo autor *a priori* citado, define que “a infância, nessa perspectiva, deve ser compreendida como um modo particular de se pensar a criança, e não um estado universal, vivida por todos do mesmo modo” (FROTA, 2007 p. 150). Partindo da análise dessas e de tantas outras percepções, pode-se entender a infância como uma forma de olhar e compreender os primeiros anos da vida.

Segundo Nascimento; Brancher; Oliveira (2008), a criança como outrora destacado, era vista como um adulto em miniatura, assim, não se tinha um olhar específico acerca do estudo e entendimento de suas necessidades e características, às mesmas trabalhavam e viviam de tal forma como os adultos em sociedade, sem nenhuma lei, estatuto, ou cuidado especial para com sua classe. Ainda segundo os autores, a ideia de particularização, atenção e cuidado especial para com a criança (ao menos no ocidente), só veio ganhar forças no final do século XVIII, especialmente no século XIX, onde as famílias no geral passaram por uma fase de grande transformação vista as novas necessidades e percepções sociais da época. A partir desse momento a criança passou a obter um valor e uma posição especial no contexto familiar e social, se tornando inclusive, objeto de estudo e análise de diversos campos do conhecimento.

O Brasil pode-se ser usado como uma referência de análise acerca dessa mudança de visão. Já no século XX, diante de muita reivindicação de setores da sociedade e de diversos movimentos sociais contextualizados em um país com um histórico de regimes de servidão e desigualdades em muitos setores e espaços, a criação do juizado de menores em 1923, a implantação do primeiro código de menores em 1927 e *a posteriori* a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, representa uma nova forma de percepção em relação à infância e um novo modo de relação, cuidado e atenção para com a infância e suas peculiaridades e necessidades.

Contudo, mesmo diante dessas reformas citadas acima e de tantas outras, não são todas as crianças que vivem a infância na realidade da forma como se deveria ser. No contexto desta complexa e tão contraditória sociedade contemporânea, como também aborda Frota (2007), analisar a infância como um período onde todas as crianças vivem em um mundo de “sonhos e fantasias”, onde todos são cuidados com amor e atenção pela família e pela sociedade, desenvolvendo suas capacidades de forma gradativa e no “tempo certo”, é um posicionamento no mínimo ingênuo e errôneo. Mesmo diante da rígida legislação, muitas são as crianças que pela difícil realidade precisam escolher trabalhar ao invés de estudar, (sendo elas muitas vezes as mantedoras do alimento no lar), grande é o número das muitas que sofrem diversos tipos de

abusos, além de que, as oportunidades e as estruturas familiares são múltiplas e diversas, gerando vivências e experiências de infância bem distintas. Como descreve Scliar (1995, p. 4),

Nem todas as crianças, contudo, podem viver no país da infância. Existem aquelas que, nascidas e criadas nos cinturões de miséria que hoje rodeiam as grandes cidades, descobrem muito cedo que seu chão é o asfalto hostil, onde são caçadas pelos automóveis e onde se iniciam na rotina da criminalidade. Para estas crianças, a infância é um lugar mítico, que podem apenas imaginar, quando olham as vitrinas das lojas de brinquedos, quando veem TV ou quando olham passar, nos carros dos pais, garotos da classe média. Quando pedem num tom súplice – tem um trocadinho aí, tio? – não é só dinheiro que querem; é uma oportunidade para visitar, por momentos que seja o país que sonham.

DESENVOLVIMENTO MOTOR, COGNITIVO E SOCIAL DA CRIANÇA

A compreensão do desenvolvimento humano é uma questão que toma posição central na finalidade de estudo de alguns conhecimentos científicos. Muitos são os chamados “cientistas do desenvolvimento”, ou seja, pensadores que dedicaram e dedicam seus estudos na análise do desenvolvimento humano desde a concepção até a velhice e morte. Cada fase da vida humana contém suas particularidades, características, dilemas e diversas questões a serem compreendidas, nesse sentido, os estudiosos desse campo do conhecimento debruçam seus esforços no intuito de descrever a análise de três principais distintos desenvolvimentos que fazem parte da vida humana desde antes de seu nascimento até seu último fôlego de vida, sendo eles: desenvolvimento motor, cognitivo e social (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2010).

Para analisar as definições e a importância desses processos de desenvolvimento na infância, primeiramente é vital abordar seus principais objetivos e finalidades, com base em autores e correntes de pensamento que descreveram acerca do assunto. Acerca primeiramente do desenvolvimento motor, os escritos de Palacios; Mora (2004) contribuem excelentemente para uma melhor compreensão de como esse processo ocorre nas diferentes fases da infância, tomando como base os cientistas do desenvolvimento que a dividem em três fases, sendo elas: primeira infância (0-3 anos), segunda infância (3 a 6 anos) e a terceira infância (6 a 12 anos).

O desenvolvimento motor, ou psicomotor, está intimamente relacionado com o calendário maturativo da estrutura física humana, ou seja, o calendário biológico que o corpo humano segue desde sua concepção, seguindo uma lógica concreta e organizada no desenvolvimento de suas funções. Como afirma Palacios; Mora (2004, p. 55)

Tal desenvolvimento está sujeito, em primeiro lugar, a uma série de leis biológicas em grande parte relacionadas com o calendário maturativo. Mas,

como ocorre com o desenvolvimento físico em geral, o desenvolvimento psicomotor está longe de ser uma mera realidade biológica: também é uma porta aberta para a interação e, portanto, para a estimulação.

Desta forma, os fatores endógenos (naturais) e os exógenos (não-naturais), ou seja, os estimulados e provocados pelos familiares, são vitais para o bom desenvolvimento psicomotor da criança. Desde o período pré-natal é necessário esse cuidado externo por parte da mãe, a boa alimentação, o cuidado com a saúde e com a higiene, são atitudes que influenciam positivamente. Segundo ainda os autores supracitados, a psicomotricidade é a relação entre as implicações psicológicas e os movimentos corporais, nesse sentido, o objetivo desse desenvolvimento é o controle do próprio corpo, até ser capaz de tirar dele todas as possibilidades de ação e expressões possíveis, visto que principalmente na primeira infância, a criança ainda não detém o controle total de seu corpo e os movimentos são involuntários e não coordenados. Assim, para que a finalidade evolutiva da psicomotricidade ocorra com eficiência, é de suma relevância o conhecimento do assunto por parte dos pais, esperando o tempo certo da lógica biológica, estimulando e cuidando externamente da criança com o fim em sua evolução.

Com relação ao desenvolvimento cognitivo da criança, destacam-se como primordiais as contribuições e os estudos de Jean Piaget. Os estudos e escritos do mesmo, se apresentam como base para o desenvolvimento da pesquisa na área, e segundo Palacios; Mora (2004), é através de Piaget e suas pesquisas desde o ano de 1930, que na década de 60, o marco da chamada “revolução cognitiva” acontece, impulsionando cada vez mais estudos e atenção a categoria de análise. Como descreve Sevilla (2011), Piaget tinha o objetivo de entender a gênese do conhecimento humano, ou seja, como ocorre o processo de conhecer o que se conhece, desde o nascimento até a última fase da vida (tendo como finalidade específica do seu estudo a infância). Sevilla (2011, p. 23), define cognição como o

Conjunto dos processos mentais que ativamos no ato de conhecer algo. Que processos mentais seriam estes? Percepção, atenção, memória, raciocínio, juízo, pensamento, linguagem são exemplos de processos que devem atuar harmoniosamente numa atividade cognitiva, ou seja, num ato de conhecer.

Diante disso, Piaget vai defender em seus estudos que o complexo processo de desenvolvimento da cognição já é iniciado a partir da primeira infância. Através do contato com

os objetos, com seu próximo e com todo o espaço ao seu redor, a criança é desafiada ao conhecer e se deparar com estruturas lógicas cada vez mais complexas, gerando em sua mente um conflito no contato com o desconhecido na busca de compreendê-lo, gerando assim o processo de assimilação, acomodação e equilíbrio (SEVILLA, 2011).

Nesse contexto, o autor estruturou o desenvolvimento cognitivo da infância em três estágios, sendo eles: sensório motor (0 a 2 anos), o operacional, se subdividindo entre pré-operacional (2 a 7 anos) e operacional concreto (7 a 12 anos), e por fim o operacional formal (12 a 15 anos), já na fase da adolescência. Cada um desses estágios corresponde a uma faixa de idade, sendo que para cada uma dessas faixas, uma fase do desenvolvimento cognitivo é progredida, existindo para cada uma delas, limites e desafios para a aprendizagem e evolução da cognição da criança.

Por fim, o desenvolvimento social também tem suas particularidades e sua relevância. No contato com o meio e principalmente com as pessoas, as crianças desenvolvem toda uma conjuntura de aprendizado de ideias, valores, regras, hábitos e costumes. A interação com próximos de sua faixa de idade e de outras idades, as amizades desenvolvidas na escola, a identificação e participação de determinados grupos nos espaços onde a mesma frequenta, influenciam diretamente no desenvolvimento pessoal da criança, independentemente de qual fase da infância ela possa estar. Como aborda Moreno (2004), a construção e manutenção de amizades faz com que à própria criança se compreenda melhor como pessoa. Na interação com os colegas e professores dentro da sala de aula e nas brincadeiras no momento de intervalo, as mesmas passam a aprender uma “teia” de coisas novas, desde o conhecimento das disciplinas lecionadas, até mesmo à sensibilidade em relação as necessidade do outro e de si próprio.

Desta feita, conclui-se que, cada específico desenvolvimento, desempenha uma função extremamente relevante na evolução total da criança. Muitas são as características, particularidades e diferenças contidas em cada um dos desenvolvimentos estudados acima. Vale ressaltar que os mesmos são analisados de distintas formas e maneiras em cada fase da infância, assim, os desafios psicomotores ou cognitivos lançados para com uma criança de 2 anos, não são os mesmos comparado a uma criança que corresponde a terceira infância. O desenvolvimento social de uma criança de 10 anos inserida no ensino fundamental, não é o mesmo de uma criança adentrando a fase do período operacional concreto (7 a 12 anos) acerca do desenvolvimento cognitivo. Cada fase possui sua lógica e organização biológica característica, assim como seus desafios e estímulos externos necessários para evolução.

A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: ESTUDO DE CASO

Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental no que diz respeito a construção e produção da educação dessas crianças, como também dos jovens e adultos. Mas não apenas isso, o ambiente escolar propicia situações e dinâmicas que favorecem e aperfeiçoam os desenvolvimentos humanos num geral, principalmente na fase da infância, onde através do contato com as aulas, atividades, professores, colegas de sala, funcionários e todo o contexto escolar, a criança passa por um processo de constante e progressivo desenvolvimento, não só no que se refere a sua cognição (sendo esta uma das mais aguçadas), mas, como também em seu desenvolvimento motor e social, proporcionando uma formação e um desenvolvimento integral (SANTANA, 2016).

Sabe-se que

a atividade educativa não acontece apenas na escola, também família e a sociedade participam ativamente dessa tarefa. Só que a escola é o local sistematicamente organizado para educar. Sua função social é a de promover, por meio do processo pedagógico, a aprendizagem dos conteúdos da cultura elaborada pela humanidade ao longo da História e, a partir dela, promover o desenvolvimento das capacidades da criança e de sua forma singular de ser e de atuar socialmente (BISSOLI, 2014, P. 595).

Com base no próprio Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI), a educação infantil e a escola no geral, tem o dever e a finalidade de proporcionar inúmeras capacidades às crianças no seu período de formação escolar. Destacando-se dentre elas a capacidade de:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas ideias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar

no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;

- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade (BRASIL, 1998, v.1, p. 63).

Ou seja, a partir dessas finalidades, das discussões e principalmente da vivência cotidiana no espaço escolar, todos os desenvolvimentos (motor, cognitivo, social e outros), são aguçados e aperfeiçoados nas crianças, se consolidando assim a escola como um dos mais importantes espaços de desenvolvimento humano em todos os seus sentidos.

Com o objetivo de pesquisar e analisar na prática como se desenvolveram e se apresentam algumas das capacidades e habilidades (gerais) de cada desenvolvimento específico supracitado, principalmente no contexto do contato com a escola, foi realizado um estudo de caso observando uma criança de 7 anos de idade do sexo masculino. A mesma cursando o 3º ano (2º série) do ensino fundamental pela rede privada de ensino da cidade de Mari - Paraíba.

O método utilizado para realização da pesquisa foi um amplo estudo e investigação de caráter qualitativo acerca da história do desenvolvimento da criança, analisando características e fatos de seu passado, observando parte de seu comportamento atual dando ênfase ao papel da escola em seu processo de desenvolvimento contínuo. Os instrumentos usados para coleta e análise das informações foram uma pesquisa semiestruturada e a observação da criança. Acerca do procedimento da pesquisa, foi primeiramente solicitado a permissão dos pais para realização da observação. Em seguida, foi agendado junto aos mesmos um horário específico para observação e diálogo com a criança e também com eles, visto importância e necessidade de seus testemunhos. Após todo o processo de confirmação, foi realizada a observação.

No decorrer da observação, os pais foram questionados acerca de algumas informações que contribuíssem na análise do processo de desenvolvimento da criança. Como características do desenvolvimento motor da criança na primeira infância, os pais destacaram que com aproximadamente um ano e meio de idade, a criança já buscava se equilibrar e dar seus primeiros passos sozinha, demonstrando a organização e funcionamento do calendário biológico de desenvolvimento motor outrora abordado. Os mesmos estimulavam diariamente a criança a andar, correr e se equilibrar, utilizando de brincadeiras, danças e outras formas de estimulação.

Adentrando dentro da análise do conhecimento cognitivo, foi perguntado aos pais se a criança durante a fase do estágio sensório-motor (0 a 3 anos) abordada por Piaget, produzia em suas brincadeiras crenças simbólicas, os mesmos responderam que sim, principalmente pelo

fato da criança ser o único filho do casal daquela faixa de idade, visto que os outros já são adultos. A mesma brincava bastante sozinha, assim, frequentemente dava vida aos objetos, conversando com seus brinquedos, crença denominada por Piaget de “animismo”.

A grande curiosidade das diferentes fases do desenvolvimento foi apresentada quando se observou a criança brincando no momento da pesquisa, já aos sete anos de idade, período final do estágio pré-operacional e início do operacional concreto. Durante as brincadeiras com os objetos, foi lhe perguntada se ela conversava com eles, se seus ursos tinham nomes e se ele poderia os apresentá-lo, rapidamente a resposta da criança foi negativa em relação a afirmação. O mesmo disse que não conversa com os brinquedos, e quando perguntado porque não, o mesmo respondeu que “os mesmos não têm vida, pois não são seres humanos”. Ou seja, observa-se que parte das crenças simbólicas já ficaram para trás visto o período do desenvolvimento cognitivo que a criança se encontra.

Acerca ainda do desenvolvimento cognitivo e também social, foi perguntado aos pais se com a inserção da criança na escola, sua mentalidade, comportamento e alguns hábitos específicos se modificaram. A mãe disse que sim, o menino tem a característica de ser um pouco tímido, entretanto, com a ida a escola, tem se tornado mais comunicativo e extrovertido. Diariamente ao chegar em casa, ele tem o hábito de testemunhar para sua mãe não só os conteúdos aprendidos nas aulas e novas experiências, mas, como também, as brincadeiras e conversas que desenvolve com os colegas.

Com base nessas informações, pode-se também refletir com base em Moreno (2004), a ideia do “status sociométrico”, onde algumas crianças aparentam ter um perfil contido na categoria de “crianças populares”, com algumas características de criança ignoradas, devido à timidez e ansiedade. Essas características se relacionam intimamente segundo os pais com o perfil da criança, todavia, com a inserção e frequente adaptação e convivência no ambiente escolar, esse quadro tem se alterado. Ainda perguntado a eles se a criança tem algum tipo de comportamento agressivo no dia a dia, os mesmos disseram que não, pelo contrário, a criança mesmo com essa idade, tem um perfil contra a ideia de qualquer tipo de violência.

Conversando com a criança sobre a escola, o mesmo enfatizou a importância dela para ele, o quanto gosta de brincar com seus amigos, listando inclusive as brincadeiras e os nomes dos melhores amigos. Percebe-se que o contato com os novos amigos e com o ambiente escolar no geral, faz muito bem a criança, a seu humor e a seu desenvolvimento. Questionado sobre qual é sua disciplina preferida, ele respondeu matemática, porque disse que gosta de desafios, todavia, ainda a acha muita “fácil”. Seu desenvolvimento cognitivo a partir do contato com os exercícios, reflexões e dinâmicas em sala é constantemente desafiado ao se deparar com

estruturas lógicas complexas, no qual o mesmo ainda não teve contato, o conduzindo assim ao desenvolvimento de sua capacidade reflexiva e avaliativa sobre o mundo, si mesmo, sobre os colegas e o espaço no qual o mesmo está inserido.

No final da observação, foi perguntado ao menino qual seria o seu sonho com relação a um emprego futuro, o mesmo respondeu que sonha em ser jogador de futebol. Em seguida, o pai entrevistou no diálogo, afirmando que a criança seria policial e não jogador, o mesmo rapidamente respondeu que não, porque não gosta de violência. Demonstrando também assim, a grande influência dos pais enquanto também influenciadores sociais, visto que a mãe é uma defensora da causa contra qualquer tipo de violência, e transpassa tal valor diariamente para o filho, expressando-se assim, que esse processo de educação e de desenvolvimento perpassa as paredes da escola, acontecendo nela e em muitos outros espaços sociais, começando de casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões abordadas no decorrer desta presente pesquisa, pode-se concluir que é de suma importância a análise e o estudo dos desenvolvimentos motor, cognitivo e social da criança. As crianças não são “tabulas rasas” ou meramente adultos em miniaturas como outrora vistos. A complexidade, as particularidades e as potencialidades dessa fase da vida, demonstram tão quão relevante ela é, e porque deve ser tratada com atenção e cuidado especial.

Diante das inúmeras percepções e definições atribuídas a ideia de infância no decorrer da história, faz-se necessário entender que nem todas as “infâncias” são vividas da mesma forma e que talvez, muitas crianças nem saibam o que é essa fase do “paraíso de sonhos e fantasias” contidos em algumas obras literárias, que em comparação com a realidade do dia a dia de algumas crianças da contemporaneidade, em nada se parecem.

Com a análise do estudo de caso abordado, pôde-se observar de forma prática, como algumas das características, capacidades e habilidade contidas nas fases da infância e dos distintos desenvolvimentos estudados, se apresentam no dia a dia da evolução e crescimento da criança. Demonstrando assim, que o estudo acerca do desenvolvimento infantil precisar ser cada vez mais estimulado, visando à melhor compreensão da complexidade dessa fase da vida, gerando em toda a sociedade que a essas informações tem acesso, o melhor entendimento acerca do assunto, principalmente no que se refere à importância exercida por estimuladores e contribuintes externos desse processo de desenvolvimento, tendo como um dos principais norteadores, o ambiente escolar, destacado e abordado no texto como um dentre os demais

espaços que mais exerce profunda contribuição na estimulação e aperfeiçoamento contínuo dos desenvolvimentos da criança e do processo de construção de seu ser.

REFERÊNCIAS

BISSOLI, Michelle de Freitas. DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA: o papel da educação infantil. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 19, n. 4 p. 587-597, out./dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Volume 1: Introdução; Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. Estudos e pesquisas em psicologia. [online]. 2007, vol.7, n.1, pp. 0-0. ISSN 1808-4281.

MORENO, M., Del C. (2004). Desenvolvimento e conduta social dos seis anos até a adolescência. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús e colaboradores (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. V. 1.

NASCIMENTO, Cláudia Terra do; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. **A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas**. Disponível: <<http://coral.ufsm.br/gepeis/wpcontent/uploads/2011/08/infancias.pdf>>. Acesso em: 06 de setembro de 2018.

PALACIOS, J. MORA, J. (2004). Desenvolvimento físico e desenvolvimento psicomotor até os dois anos. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús e colaboradores (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. V. 1.

PAPALIA, Diane. E; OLDS, Sally. W; FELDMAN, Ruth. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed. 2010.

SANTANA, Katiane Cardoso. A importância da educação infantil para o desenvolvimento do indivíduo. In: **IV Congresso Nacional de Educação. Anais**. Natal, v. 1, 2016, ISSN 2358-8829.

SCLIAR, Moacyr. **Um país chamado infância**. São Paulo: Ática, 1995.

SEVILLA, Carmem. **A concepção genético-cognitiva da aprendizagem (J. Piaget)**. 2011.

TOSTA, Eduarda Brito Barbosa; SILVA Jeane Sousa da. **Gravidez após 35 anos: aspectos psicossociais que envolvem a maternidade tardia**. Monografia (Graduação em Enfermagem). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

